

# É POSSÍVEL RECONSTRUIR AS GUERRAS DE TEBAS?<sup>1</sup>

## IS IT POSSIBLE TO RECONSTRUCT THE THEBAN WARS?

MIGUEL CARVALHO ABRANTES

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MIGUEL.R.ABRANTES@GMAIL.COM

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-2098-3318](https://orcid.org/0000-0003-2098-3318)

TEXTO RECEBIDO EM / TEXTO SUBMITTED ON: 29/03/2022

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 02/09/2023

25

**Resumo:** Seguindo parte da metodologia utilizada anteriormente para reconstruir os episódios centrais do Ciclo Troiano, este artigo averigua a possibilidade de o fazer relativamente às Guerras de Tebas exclusivamente com base nas fontes literárias que nos chegaram da Antiguidade. Para tal, procede a um levantamento sumário das obras mais importantes para o estudo deste tema mitológico e, com base nas informações recolhidas nas mesmas, tenta, a título de exemplo, restabelecer os episódios das mortes dos sete grandes heróis que atacaram a cidade de Tebas na sua primeira guerra. Finalmente, os resultados serão tomados em conta para apurar se é possível concretizar uma reconstrução mais alongada das Guerras de Tebas.

**Palavras-chave:** Ciclo Tebano, *Tebaida*, *Epígonos*, Guerras de Tebas.

---

\* Este autor opta por não usar o Novo Acordo Ortográfico.

<sup>1</sup> Um agradecimento à Professora Maria de Fátima Silva, bem como aos *peers* anónimos, por algumas correções e recomendações feitas face a uma versão preliminar deste artigo.

**Abstract:** By following part of the methodology previously used to reconstruct the central episodes of the Trojan Cycle, this article ascertains the possibility of doing so for the Theban Wars exclusively based on the literary sources which reached us from the Antiquity. In order to do so, it performs a summary compilation of the most important works for the study of this mythological subject and, based on the information collected in them, it tries, as an example, to reestablish the episodes of the deaths of the seven major heroes who attacked the city of Thebes in its first war. Finally, the results will be taken into account to look into the possibility of a more prolonged reconstruction of the Theban Wars.

**Keywords:** Theban Cycle, *Thebaid*, *Epigoni*, Theban Wars.

26 Falar da literatura da Grécia Antiga é, quase imperativamente, falar da Guerra de Tróia e da forma como os Poemas Homéricos a representam. A sua contínua popularidade, que se prolongou até ao Império Romano dos primeiros séculos da nossa era, permite afirmar, sem quaisquer dúvidas, que eram esses os dois grandes poemas épicos que todos os autores e leitores da Antiguidade deviam conhecer antes de qualquer outra obra. O seu conhecimento continuado da *Ilíada* e da *Odisseia*, ou de um universo mitológico que tem por pano de fundo o famoso conflito entre Gregos e Troianos, e que os autores da época nos demonstram frequentemente nas suas próprias composições, é notável nas muitas obras literárias que nos chegaram, desde as peças teatrais de Ésquilo, Sófocles e Eurípides até obras bizantinas como as de João Tzetzes. Salvo raros casos, de que as obras de Estesícoro, Ptolomeu Queno, Dares Frígio ou Díctis de Creta podem ser apresentadas como os exemplos mais sonantes, o conhecimento geral que esses autores denotam ter dos eventos da Guerra de Troia é relativamente estável, permitindo-nos reconstruir uma representação consideravelmente fiel dos seus acontecimentos tal como estes eram conhecidos na Antiguidade. E, de facto, conforme já demonstrado anteriormente,<sup>2</sup> é

---

2 Cf. Abrantes 2016.

possível construir intertextualidades entre os muitos autores que separam os versos atribuídos a Homero de produções medievais como o *Roman de Troie*, com vista à reconstrução de episódios mitológicos que, à partida, se julgariam perdidos, como aqueles que separam a guerra de Protesilau e Aquiles da viagem de volta a casa de Ulisses. Porém, se foi praticável fazê-lo no caso desta famosa guerra, inquestionavelmente a mais famosa da Antiguidade Clássica, será possível aplicar uma estratégia semelhante para a reconstrução dos temas de outras obras, ou de sequências mitológicas que, à partida, não nos parecem ter chegado de uma forma completa? Será que, tomando partido desse mesmo conhecimento partilhado, na forma em que ele nos chegou, é igualmente plausível recuperar a trama por detrás de outros textos perdidos, ou será o caso das aventuras ligadas a Tróia uma excepção à regra, propiciada pela sua importância contínua na cultura da Antiguidade?

Face à pesquisa desenvolvida anteriormente, a questão não pôde deixar de nos suscitar dúvidas significativas, suficientes para nos convidar a uma exploração adicional do tema. Mas, a tentar recuperar-se uma outra trama, qual seria a mais indicada? Reconstruir a dos *Poemas Cíprios*, que podem ser resumidos como uma espécie de prequela da guerra cantada nos poemas atribuídos a Homero, pouco contribuiria para afastar a dúvida em apreço, dado que também se referiria ao mesmo ciclo de Troia e, portanto, quase certamente que gozaria de uma popularidade semelhante. Como tal, decidiu-se que uma tentativa de recuperar as duas Guerras de Tebas, discutivelmente as segundas maiores da Antiguidade Clássica, seria uma boa opção, dadas as muitas semelhanças temáticas com a sua congénere, mas também em virtude da sua grande importância, que há meio século levaram Willcock a afirmar: “If it were possible to choose a lost work of Greek literature for recovery, the epic *Thebais* would come high on a preference list. It would answer more questions about Homer than all the deciphering of Mycenaean tablets and excavating of tholos tombs.”<sup>3</sup>

27

---

3 Willcock 1964:144, citado em Davies 2015: 27, versão online.

Surgiu, portanto, e como ponto inicial, a necessidade de traçar os limites concretos do conflito tebano. Se os mitos associados a Édipo, herói da cidade por excelência, ainda nos são bem conhecidos de obras como *Édipo Rei*, decidiu-se que o limite cronológico inferior poderia ser o instante em que a dupla profecia desse herói se cumpre, em que este descobre que matou o próprio pai e casou com a respectiva esposa, a mulher que outrora o tinha dado à luz, levando-o a abandonar o trono e assim possibilitando a ascensão dos seus dois filhos, Etéocles e Polinices. É a disputa entre essas duas figuras fraternas que origina todo o conflito tebano, pelo que a subida temporária de um ao poder, bem como a subsequente decisão de se recusar a deixá-lo em favor do irmão (e porque tinham convencionado reinar alternadamente por um período de alguns anos), pode ser vista como um dos momentos essenciais do início das hostilidades. Todavia, colocar todo o limite do conflito no instante da morte mútua dessas duas figuras, hoje ainda bem conhecido da *Antígona* sofocliana e das *Fenícias* de Eurípides, seria bastante redutor, porque implicaria reduzir a metade o grande confronto do Ciclo Tebano, sem que a cidade alguma vez fosse tomada. Deste modo, se a conquista de Tróia foi o grande objectivo do conflito que opôs essa cidade aos Gregos, faz sentido definir a tomada final de Tebas pelos Gregos como o desenlace de toda a aventura deste outro ciclo, com a ressalva da existência de um momento de charneira aquando da morte dos dois filhos de Édipo, numa altura em que essa primeira tentativa de tomada da cidade não foi bem conseguida.

Curiosamente, uma divisão desta natureza já era feita na Antiguidade, com três poemas épicos que parecem ter coberto a totalidade da Guerra de Tebas – temos ao menos provas da existência de uma *Edipodia* em 6600 versos;<sup>4</sup> de uma *Tebaida* em 7000 versos;<sup>5</sup> e de *Epígonos*, em

---

4 *Oed. testimonium* West.

5 *Theb. testimonium* West, *Theb. fr.* 1 West.

7000 versos.<sup>6</sup> Com base nas provas existentes é possível que o primeiro contasse as aventuras de Édipo até à sua morte ou queda do trono,<sup>7</sup> o segundo relatasse o primeiro conflito da cidade,<sup>8</sup> enquanto que o terceiro abordasse a subsequente conquista da mesma pelos filhos dos heróis derrotados dez anos antes.<sup>9</sup> Contudo, chegaram-nos apenas escassos fragmentos de cada um dos três poemas – a edição de M. L. West menciona um total de dezoito – e não possuímos, para este outro ciclo, qualquer resumo dos seus eventos que se assemelhe ao *Epítome da Crestomatia de Proclo* para o Troiano. Essa existência permitiria, num primeiro momento, traçar um panorama geral da trama, que depois poderia ser comparado com as diversas fontes literárias produzidas mais tarde, com o objectivo de se apurar em que medida essas outras versões, mais recentes, subscrevem ou contrastam com o conteúdo das mais antigas. Logo, a falta deste importante elemento, de algum conteúdo escrito que nos reporte os contornos das duas guerras de Tebas tal como estas eram imaginadas no tempo da composição dos Poemas Homéricos (que já denotavam algum conhecimento de eventos do Ciclo Tebano), impede uma reconstrução mais precisa da trama daqueles que supomos serem os poemas originais, mas ainda não impossibilita por completo uma obtenção intertextual dos vários eventos que os constituíam.

Face a essa primeira dificuldade surgiu a necessidade de procurar, entre as fontes literárias que nos chegaram, um texto alternativo que pudesse ser utilizado com o propósito de traçar um panorama geral do conflito e dos seus eventos mais conhecidos. Pela pesquisa desenvolvida em relação ao Ciclo Troiano tínhamos conhecimento de que a *Biblioteca* atribuída a Apolodoro comporta, entre muitos outros temas mitológicos,

---

6 *Epi. fr.* 1-2 West.

7 Cingano 2015a: 217.

8 Torres-Guerra 2015: 226-227.

9 Cingano 2015b: 244-249.

30 todo o Ciclo Tebano em si mesmo. Desconhecem-se, hoje, a totalidade das fontes em que o seu autor se baseou para essa sequência, mas é muito importante notar que ele se mostra incapaz de nomear com absolutas certezas todos os combatentes da primeira guerra da cidade de Tebas, reportando-nos que “alguns, no entanto, não contam Tideu e Polinices entre eles, mas incluem Etéoclo, filho de Ífis, e Mecisteu nessa lista dos sete.”<sup>10</sup> Essa é uma dificuldade importante, porque desconhecendo os heróis que participavam no conflito, torna-se igualmente difícil descobrir cada um dos eventos em que eles participavam. Ainda assim, o mesmo problema é também partilhado, de forma significativa, pelos *Sete Contra Tebas*, de Ésquilo, e as *Fenícias*, de Eurípides, como demonstrado anteriormente,<sup>11</sup> que apesar de abordarem esse tema mitológico num mesmo século V a.C., não concordam totalmente na identidade dos combatentes – é, nesse ponto, até muito notável o caso desse segundo tragediógrafo, que nas *Suplicantes* inclui Etéoclo em vez de Anfiarau, seu substituto na peça já mencionada, tornando-nos evidente que na época um mesmo autor conhecia mais do que uma versão do conflito, com intervenientes substancialmente diferentes e cujas identidades ainda não pareciam estar bem fixadas na tradição mitológica.

Como tal, a insegurança demonstrada na obra de Apolodoro, bem como a discrepância entre e intra tragediógrafos, poderá levar-nos a acreditar que num período mais antigo o cânone dos sete atacantes ainda não estava completamente definido, podendo existir diversas construções poéticas significativas a abordarem o mesmo tema, talvez até com nomes semelhantes. Este último ponto, apesar de problemático (na medida em que nos poderia fazer supor, sem necessidade, a existência de múltiplas composições poéticas significativas sobre o Ciclo Tebano, todas elas perdidas), é igualmente apoiado por Pausânias, que, ao fazer uma breve referência a duas versões distintas de um

---

<sup>10</sup> Apolod. *Bibl.* 3.6.3, tradução do autor.

<sup>11</sup> Cf. Abrantes 2018.

determinado episódio, diz-nos que uma delas provinha “dos [autores] Tebanos” e outra “da [obra] *Tebaida*”<sup>12</sup>. Porém, deixe-se absolutamente claro que estabelecer um cânone dos principais intervenientes nestes conflitos é um ponto fulcral para a tarefa de reconstruir o cerne do Ciclo Tebano. Se não conseguirmos fazê-lo, o objectivo final de uma reconstrução desse conflito torna-se impossível, na medida em que os heróis de *Epígonos* eram, como se sabe, grosso modo os filhos dos vencidos na *Tebaida*; desconhecendo as identidades dos segundos, torna-se quase irrealizável ligá-los aos primeiros.

Surgiu, portanto, uma necessidade imediata de apurar os nomes dos atacantes envolvidos na guerra entre Etéocles e Polinices e, com vista a tal, seleccionar as principais fontes literárias que podem servir de base à reconstrução do conflito. Deste modo, numa pesquisa cronológica que se prolongou desde o tempo da composição dos Poemas Homéricos até ao da *Tebaida* de Estácio – por esta obra latina ser a última grande representação do tema na Antiguidade que chegou aos nossos dias, além de se ter tornado a principal fonte para o tema na literatura medieval<sup>13</sup> – foram identificadas mais algumas obras produzidas na Grécia Antiga e no Império Romano de importância significativa para o estudo do tema, nomeadamente duas tragédias de Sófocles (*Antígona* e *Édipo em Colono*), relativas a essas guerras; outra de Eurípides (*As Suplicantes*), partilhando da mesma característica que as anteriores; as *Odes* de Píndaro, que lhe fazem algumas referências; a *Biblioteca Histórica* de Diodoro Sículo, que contém, no seu quarto livro, breves resumos da sequência de ambas as guerras; as *Fábulas* de Higino, com diversas, mas breves, referências aos heróis nelas envolvidos; a própria *Tebaida* de Estácio, uma versão latina e tardia da primeira guerra; a *Descrição da Grécia* de Pausânias, em que ocorrem diversas menções significativas aos participantes nas duas guerras; e, finalmente, fragmentos

---

12 Paus. 9.18.6.

13 Battles 2004: 1-17.

da *Tebaida*, de *Epígonos* e do *Catálogo das Mulheres* atribuído a Hesíodo, por nos preservarem referências arcaicas a este tema, apesar de o fazerem, como é natural, de uma forma muito incompleta.

Não obstante essa identificação, apurou-se igualmente uma segunda dificuldade – se apenas duas fontes textuais existentes nos resumem de forma contínua os eventos que tomaram lugar na segunda guerra contra Tebas, i.e. Diodoro Sículo e Apolodoro, os seus conteúdos em relação a este ponto são muito semelhantes, têm as mesmas lacunas fulcrais (por exemplo, nunca revelam a identidade dos defensores de Tebas), e é até possível que os relatos que nos apresentam não sejam independentes, como já apontado por Frazer.<sup>14</sup> Nesse seguimento, parece ser hoje impossível reconstruir intertextualmente os diversos episódios mitológicos que tomavam lugar no épico *Epígonos*, como já demonstrado por Gantz,<sup>15</sup> visto não termos nenhum outro ponto significativo de comparação que possa ser contrastado com esses dois resumos, potencialmente ligados entre si, dos primeiros séculos da nossa era. Por isso, face a essa impossibilidade de tentar reconstruir a segunda guerra numa forma mais completa, o que dizer em relação à primeira, aquela que terminava com a morte de Etéocles e Polínicês? Será, também ela, impossível de reestabelecer?

Para essa primeira parte da Guerra de Tebas temos, significativamente, um número maior de fragmentos associáveis ao épico *Tebaida* (onze, por contraste com apenas cinco de *Epígonos*), duas fontes independentes para os seus acontecimentos (Apolodoro e Estácio), e algumas tragédias completas em que o cerne do confronto tem um papel principal. A existência dessas várias fontes literárias principais poderá permitir, pelo menos, ter acesso a um panorama geral de toda a história, que depois pode ser complementado com informação das restantes fontes. Assim sendo, quem nos dizem estes autores que foram os principais atores do ataque à cidade? As suas referências podem ser sintetizadas numa tabela:

14 Frazer 1921: 379, n.1.

15 Gantz 1993: 522-525.



	Tideu	Capaneu	Etéoclo	Hipomedonte	Partenoheu	Anfiarau	Polinices	Adrasto	Mecisteu
Hom. <i>Il.</i> e <i>Od.</i> <sup>16</sup>	X	X				X	X	X	X
Hes. <i>Cat.</i> <sup>17</sup>	X	? <sup>18</sup>	?	?	?	X	X	X	?
Fragmentos <sup>19</sup>	X	?	?	?	X	X	X	X	?
Aesch. <i>Sept.</i> <sup>20</sup>	X	X	X	X	X	X	X		
Soph. <i>OC</i> <sup>21</sup>	X	X	X	X	X	X	X		
Eur. <i>Phoen.</i> <sup>22</sup>	X	X		X	X	X	X	X	
Eur. <i>Supp.</i> <sup>23</sup>	X	X	X	X	X		X	X	
Diod. <i>Sic.</i> <sup>24</sup>	X	X		X	X	X	X	X	
Hyg. <i>Fab.</i> <sup>25</sup>	3 <sup>26</sup>	2		1	2	2	3	3	
Stat. <i>Theb.</i> <sup>27</sup>	X	X		X	X	X	X	X	
Apolod. <i>Bibl.</i> <sup>28</sup>	X <sup>29</sup>	X	X	X	X	X	X	X	X
Paus. <sup>30</sup>	X	X	X	X	X	X	X	X	X

16 Cf. Schachter 1967: 2 e Cingano 2001:31.

17 Cf. Cingano 2001: 31.

18 O facto de uma determinada figura não aparecer mencionada nos fragmentos existentes do *Catálogo das Mulheres* e da antiga *Tebaida* não pode, nem deve, ser considerada como uma prova da sua ausência.

19 Cf. *Theb.* fr. 2-3, 5-11 West.

20 Cf. Abrantes 2018: 69.

21 Cf. Soph. *OC* 1309ff.

22 Cf. Abrantes 2018: 69.

23 Cf. Eur. *Supp.* 857ff.

24 Cf. Diod. *Sic.* 4.65.7.

25 Cf. Hyg. *Fab.* 70.

26 Este autor preserva três listas distintas, duas delas incompletas, sendo aqui referido o número total de vezes que cada um dos heróis é referido.

27 O autor não inclui um catálogo breve na sua obra, mas as identidades dos envolvidos no combate podem ser averiguadas ao longo do texto.

28 Cf. Apolod. *Bibl.* 3.6.3.

29 Segundo Apolodoro, “alguns (...) não contam Tideu e Polinices (...)” mas incluem Etéoclo, filho de Ífis, e Mecisteu nessa lista”, cf. Apolod. *Bibl.* 3.6.3. Tratando-se Polinices de um dos filhos de Édipo, e portanto um elemento imprescindível do conflito, é possível que nessa versão ele não fosse contabilizado entre os “sete” heróis atacantes, limitando-se a ser a figura que os seleccionou.

30 Paus. 2.20.5 diz-nos que o número original foi reduzido para sete por Ésquilo. Cingano 2001:29 considera essa ideia “inexacta”.

Face a estes elementos, podemos supor que Etéoclo e Mecisteu provavelmente não tinham um papel muito significativo nos antigos poemas épicos, surgindo os restantes heróis na maior parte das fontes a que temos acesso e permitindo-nos, nesse sentido, estabelecer um grupo que pode ser visto como canónico. Portanto, obtido este elemento basilar para todos os passos seguintes, será possível reconstruir uma pequena parte da trama deste conflito bélico? Sabemos, tanto pelos fragmentos existentes como por fontes mais recentes, que de entre os sete heróis invasores apenas Adrasto sobreviveu à guerra, escapando no seu cavalo Árion,<sup>31</sup> e que Polinices tinha obrigatoriamente de morrer às mãos do irmão<sup>32</sup>, dada a existência de uma maldição lançada por Édipo que conduz ambos os seus filhos a esse final<sup>33</sup>. Por isso, a título de exemplo, tente-se então reconstruir as sequências que levavam ao falecimento dos restantes combatentes gregos cujas identidades apurámos acima.

Tideu parece ter sido um dos mais conhecidos heróis gregos da primeira guerra de Tebas, talvez pela sua relação de paternidade com o Diomedes homérico, aparecendo mencionado em todas as fontes literárias que consultámos, com o episódio da sua morte a tomar sempre os mesmos contornos. Oposto à figura de Melanipo na tragédia de Ésquilo e em outras fontes<sup>34</sup>, foi por ele ferido mortalmente na barriga; porém, antes que pudesse expirar, o seu companheiro Anfiarau cortou a cabeça deste opositor tebano e deu-a ao injuriado, que lhe comeu o cérebro – um acto tão abominável que a deusa Atena, que se preparava para lhe conceder a imortalidade, imediatamente desistiu da ideia<sup>35</sup>, sendo possível que ela mais tarde a tenha oferecido, em alternativa, ao filho deste herói<sup>36</sup>.

31 *Theb.* fr. 11 West, Diod. Sic. 4.65.9, Hyg. *Fab.* 68, Apolod. *Bibl.* 3.7.1.

32 Diod. Sic. 4.65.8, Apolod. *Bibl.* 3.6.8.

33 *Theb.* fr. 2 West.

34 Cf. Abrantes 2018: 69, Paus. 9.18.1.

35 Stat. *Theb.* 8.717ff, Apolod. *Bibl.* 3.6.8.

36 Torres-Guerra 2015: 234.

Se a tragédia de Ésquilo colocava Capaneu em confronto directo com Polifontes<sup>37</sup>, este herói não foi morto por qualquer tebano. Em vez disso, foi atingido mortalmente por um raio enviado por Zeus, quando se preparava para escalar as muralhas da cidade através do auxílio de uma escada, com algumas versões a deixarem claro que ele sofreu esse castigo, próximo da Porta Electra, por ter desafiado o pai dos deuses<sup>38</sup>. São muitas as fontes literárias que mencionam este episódio, sempre com estas mesmas linhas gerais, e a sua grande popularidade até pode ser apurada em virtude de aparecer confirmado na arte de uma forma significativa<sup>39</sup>.

Sobre Etéoclo, Apolodoro diz-nos apenas que este herói foi morto por Leades<sup>40</sup>, mas Ésquilo opõe-no a Megareu na porta Neís da cidade<sup>41</sup>. Visto que sabemos, através da *Antígona* sofocliana, que Megareu era um dos filhos de Creonte morto em combate<sup>42</sup>, é possível que este herói grego tenha sido a causa desse falecimento, acabando ele próprio mais tarde derrotado pelo adversário nomeado na *Biblioteca*. Nada se poderia saber sobre os contornos desse episódio, não fosse o facto de Silva e De Paoli terem reconhecido que na peça de Ésquilo as pinturas dos escudos representam a *hybris* de cada um dos combatentes<sup>43</sup> – a deste herói tem representado “um soldado que sobe os degraus de uma escada / [e] avança sobre o muro inimigo, querendo destruir tudo. / E essa figura diz através das letras escritas / que nem Ares poderia atacar essas muralhas”<sup>44</sup> –

35

---

37 Cf. Abrantes 2018: 69.

38 Aesch. *Sept.* 420-450, Eur. *Supp.* 496-500, Diod. Sic. 4.65.8, Hyg. *Fab.* 68, Stat. *Theb.* 10.827ff, Ov. *Met.* 9.404-417, Apolod. *Bibl.* 3.6.7, Paus. 9.8.7.

39 Taplin 2007: 266-267.

40 Apolod. *Bibl.* 3.6.8.

41 Cf. Abrantes 2018: 69.

42 Soph. *Ant.* 1301-1305.

43 Cf. Silva 1993: 53, De Paoli 2010: 41-42.

44 Aesch. *Sept.* 466-469, tradução de Mota (2013).

sugerindo que o seu final terá, de alguma forma agora desconhecida, advindo de um enorme desejo destruidor.

Hipomedonte foi derrotado por Ísmaro,<sup>45</sup> mas Ésquilo associa-o a Hipérbio e diz-nos que o seu escudo apresentava a figura do monstruoso Tífon.<sup>46</sup> Portanto, nada poderíamos concluir sobre a sua morte, não fosse o facto de Estácio lhe associar um episódio segundo o qual, após ter sido salvo de um possível afogamento no rio Ismeno pelos deuses, o herói foi atingido pelos projecteis de vários inimigos<sup>47</sup>. A semelhança de nomes entre os dois potenciais causadores desta morte – Ísmaro ou Ismeno – é notável, podendo, em virtude da falta de informação relativa à primeira versão, ter resultado de alguma confusão, por parte do autor latino, entre duas figuras distintas.

Apesar da sua associação a Actor na versão esquiliana, nas fontes mais antigas Partenopeu foi morto por Anfídico – que poderá ser a mesma figura que Asfódico – ou Periclímeno<sup>48</sup> (um possível amante de Ismena, filha de Édipo<sup>49</sup>), com a pintura do seu escudo a apresentar uma “esfinge devoradora de carne crua, fixada / com pregos, corpo que brilha, em relevo. / Um homem, um cadmeu ela traz sob os pés, / para lançar os dardos que puder contra ele”<sup>50</sup>. A relação iconográfica com a própria história deste herói não é clara, mas é digno de nota que na versão de Estácio ele morra através de um projectil lançado por Drias<sup>51</sup>. Consequentemente, e face a três ou quatro potenciais destruidores deste combatente, não é de todo claro quem o terá matado nas fontes mais antigas, mas é possível que esse falecimento tenha sido causado

45Apolod. *Bibl.* 3.6.8.

46Aesch. *Sept.* 493-498.

47Stat. *Theb.* 9.492-540.

48Apolod. *Bibl.* 3.6.8, Paus. 9.18.6.

49Torres-Guerra 2015: 233.

50Aesch. *Sept.* 541-544, tradução de Mota (2013).

51Stat. *Theb.* 9.831ff.

por alguma espécie de projectil, dado que esse elemento comum consta tanto na representação do escudo como na versão do poeta latino.

Anfiarau, quando tentava escapar de um opositor – potencialmente o Lástenes que Ésquilo associa a uma das portas da cidade<sup>52</sup> – por influência de Zeus desapareceu nos meandros da terra, juntamente com o carro em que era conduzido. Se as diversas fontes literárias consultadas mantêm sempre este ponto essencial, elas variam na sua causa – uns autores dizem ter sido uma recompensa divina, outros uma punição – e na possibilidade do condutor da máquina guerreira, um companheiro deste herói, o ter acompanhado para o submundo.<sup>53</sup>

Em último lugar, sobre a figura de Mecisteu, apenas foi possível apurar que ele era irmão de Adrasto e pai de um Euríalo, falecendo às mãos de Melanipo.<sup>54</sup> Tratando-se este último do mesmo combatente que também matou Tideu pouco antes de falecer, é possível que a morte desta obscura figura tenha ocorrido pouco antes, num episódio considerado menor, já que o falecimento de dois heróis principais numa única sequência de combate seria pouco vulgar. De facto, se Homero parece colocá-lo entre os “sete” (a breve alusão de Apolodoro deve-se, quase certamente, à presença deste nome na *Ilíada*), e Pausânias diz ter visto a estátua do seu filho entre outras de heróis da segunda guerra de Tebas,<sup>55</sup> as restantes fontes parecem ignorar a sua presença na primeira guerra, denotando que o seu papel não era crucial.

Realizada esta reconstrução sumária das mortes dos sete grandes heróis da primeira Guerra de Tebas, o que podemos concluir sobre uma possível horizontalidade por detrás das suas causas? Tideu, Capaneu e Anfiarau, que aparecem como participantes em quase todas as fontes

52 Abrantes 2018: 69.

53 Eur. *Supp.* 920-933, Pind. *Ol.* 6.10-20, 9.20-30, Diod. Sic. 4.65.8, Hyg. *Fab.* 68, 73, 250, Stat. *Theb.* 8, Ov. *Met.* 9.404-417, Apolod. *Bibl.* 3.6.8, Paus. 1.34.1-5.

54 Hom. *Il.* 2.566, Apolod. *Bibl.* 3.6.3, Paus. 9.18.1.

55 Paus. 2.20.5.

literárias aqui em apreço,<sup>56</sup> têm as suas causas de morte bem fixadas na tradição mitológica, não existindo qualquer dúvida significativa sobre elas. Já os desfechos nos restantes quatro casos – os das mortes de Etéoclo, Hipomedonte, Partenopeu e Mecisteu – apresentam-se como desconhecidos ou muito incertos, sendo impossível saber-se as respectivas causas de morte nos poemas mais antigos. Por esta mesma razão, e em virtude da notável incompletude e variação da informação presente nas várias fontes consultadas, também nos parece impossível reconstruir a totalidade dos episódios mitológicos que tomavam lugar no primeiro conflito bélico tebano. Esta tese pode mesmo ser apoiada pelo facto de não ter existido, até agora, qualquer tentativa bem-sucedida de reconstruir toda essa sequência mitológica, com autores como Gantz e Davies, que se focaram no tema, a terem encontrado apenas informação suficiente para descobrir o que tinha lugar em alguns momentos da guerra.<sup>57</sup>

38

Portanto, podemos considerar que o caso de uma reconstrução do Ciclo Troiano baseada exclusivamente em intertextualidades é, de facto, uma excepção notável, não sendo possível trazer de volta, de uma forma horizontal, outras sequências mitológicas recorrendo ao mesmo processo. Isto porque, se no caso da Guerra de Tróia todo o tema se foi mantendo popular ao longo dos séculos, levando a que bastantes autores o incluíssem nas suas obras, o que nos possibilitou um cruzamento das suas informações para refazer uma imagem comum da forma como eles viam o conflito e cada um dos seus episódios, já no caso do Ciclo Tebano não parece ter existido uma popularidade tão grande e prolongada, limitando-nos a informação a que ainda temos acesso. Não só desconhecemos por completo o que tinha lugar em determinados episódios, como o conteúdo de

---

56 Se o terceiro não aparece em nenhuma das duas tragédias de Eurípides sobre este tema, há que frisar que o tragediógrafo estava familiarizado com pelo menos uma tradição em que ele era um participante significativo do confronto.

57 Cf. Gantz 1993: 510-519; Davies 2015.

outros é apenas conhecido de uma forma incompleta ou conflitual, não sendo sempre possível harmonizá-los com vista a produzir uma trama contínua. Tendo em conta que se diversos autores até nos relatam alguns episódios que tomavam lugar durante a primeira e a segunda guerras de Tebas, os vestígios que legaram aos nossos dias encontram-se frequentemente associados a sequências mitológicas muito concretas e que parecem ter sido especialmente famosas na Antiguidade, como a fuga de Adrasto, a morte de Tideu ou o desaparecimento de Anfiarau. Se essa limitação permite, efectivamente, a reconstrução de alguns episódios muito específicos, torna também impossível que se saiba o que acontecia naqueles para os quais já não temos qualquer registo. Por exemplo, é-nos completamente desconhecido quem eram os defensores da metrópole tebana na sua segunda guerra, sendo apenas possível inferir, sem grandes certezas, que se tenham tratado de sete grandes heróis, como que destinados a defrontar os epígonos dos heróis gregos vencidos na primeira guerra.

Face a todas estas considerações devemos concluir que com os vestígios literários que possuímos neste momento não é possível reconstruir a trama das duas guerras de Tebas de uma forma completa. Para os episódios que tomavam lugar entre a realização da profecia de Édipo e a morte dos seus dois filhos, as fontes que ainda temos até concordam em diversos detalhes, mas ou discordam completamente em outros, ou não nos permitem concluir nada de significativo sobre eles – falta-nos pelo menos uma obra mais antiga e segura que a de Estácio, que aborde toda essa primeira guerra de forma contínua, com que possamos vir a comparar os detalhes providenciados pelas restantes. Além disso, para a totalidade dos episódios que tomavam lugar entre a morte dos dois filhos de Édipo e a conquista final de Tebas, apenas temos duas fontes literárias que os resumem de forma muito breve e que até se parecem ter baseado num único documento comum – falta-nos, também aqui, um resumo alongado, independente das versões de Apolodoro e Diodoro Sículo, ou uma obra contínua sobre

o tema. Sem esses fragmentos significativos, ou textos adicionais, a tarefa de reconstruir de uma forma completa os episódios sequenciais do Ciclo Tebano apresenta-se como impossível.

## BIBLIOGRAFIA

Abrantes, M. C. (2016), *Temas do Ciclo Troiano: Contributo para o Estudo da Tradição Mitológica Grega*. Publicação online.

Abrantes, M. C. (2018), “Sete Heróis, Sete Portas: Identidade e Simbologia no Mito dos ‘Sete Contra Tebas’”, in *Classica*, v. 31 n. 2, Belo Horizonte, 65-73.

Battles, D. (2004), *The Medieval Tradition of Thebes*, New York.

Cingano, E. (2001), “I nomi dei Sette a Tebe e degli Epigoni nella tradizione epica, tragica, e iconografica”, in Aloni, A., *I Sette a Tebe. Dal mito alla letteratura. Atti del Seminario Internazionale*, Torino, 27-62.

40 Cingano, E. (2015a), “Oedipodea”, in *The Greek Epic Cycle and its Ancient Reception: A Companion*, Cambridge, 213-225.

Cingano, E. (2015b), “Epigonoi”, in *The Greek Epic Cycle and its Ancient Reception: A Companion*, Cambridge, 244-260.

Davies, M. (2015), *The Theban Epics*, Washington D.C. Disponível online em <https://chs.harvard.edu/book/davies-malcolm-the-theban-epics/> [consultado em 01-03-2022].

De Paoli, B. (2010), “A cidade e a palavra: considerações sobre Sete contra Tebas”, in *Archai*, n. 4, Brasília, 39-43.

Frazer, J. G. (1921), *Apollodorus, The Library*, Cambridge, Mass.

Gantz, T. (1993), *Early Greek Myth: A Guide to Literary and Artistic Sources*, Baltimore.

Grimal, P. (1989), *Diccionario de Mitologia Griega y Romana*, Barcelona.

Jones, W. H. S. e Omerod, H. A. (1918), *Pausanias, Description of Greece*, Cambridge, Mass.

Mota, M. (2013), “Ésquilo, Sete Contra Tebas [tradução]”, in *Archai*, n. 10, Brasília, 145-168.



- Schachter, A. (1967), “The Theban Wars”, in *Phoenix*, v. 21 n. 1, Ontario, 1-10.
- Silva, M. de F. (1993), “Etéocles de Fenícias, ecos de um sucesso”, *Humanitas*, v. 45, Coimbra, 49-67.
- Taplin, O. (2007), *Pots & Plays: Interactions between Tragedy and Greek Vase-painting of the Fourth Century B.C.*, Los Angeles.
- Torres-Guerra, J. B. (2015), “Thebaid”, in *The Greek Epic Cycle and its Ancient Reception: A Companion*, Cambridge, 226-243.
- West, M. L. (2003), *Greek Epic Fragments*, Cambridge, Mass.

